

Página Do Diário De Um Aluno Comenius

Para assinalar a comemoração do dia internacional das vítimas do Holocausto, 27 de janeiro, publicamos o texto de um aluno da escola Básica Integrada de Eixo aquando da visita à Polónia e ao antigo campo de concentração nazi em Auschwitz-Birkenau, no âmbito do projeto comenius ***“Discover, understand and appreciate – Do teenagers and tradition match together?”***

7 de dezembro de 2012

Hoje, dia 7 de dezembro, saímos do hotel às **9.30** com destino a Oświęcim, localidade onde se situa o antigo campo de concentração de Auschwitz, símbolo do holocausto e de todas as atrocidades cometidas pelo regime nazi durante a segunda guerra mundial.

A ansiedade era muita pois iríamos estar onde milhões de pessoas foram brutalmente assassinadas e onde se cometeram as maiores barbaridades de toda a história da humanidade. Para mim, ir ver Auschwitz foi a experiência mais comovente desta viagem à Polónia.

Depois de alguns minutos de espera (a professora teve de ir comprar os bilhetes de ingresso para todo o grupo) iniciámos a visita. Cada aluno recebeu auriculares para podermos ouvir as explicações da guia que falava um inglês muito pausado e compreensível. Antes de mentalmente percorrer todo o campo e as sensações experimentadas, para poder pôr em papel o meu relato, quero desde já dizer que a guia se emocionou várias vezes, os olhos brilhavam, cheios de água, e a voz tremia emocionada. A professora de inglês perguntou-lhe o motivo de tanta emoção. A guia respondeu que o avô dela tinha estado preso naquele campo. Difícil de imaginar!

Os campos estão cercados com arame farado e torres de vigilância de forma a persuadir os prisioneiros de qualquer tipo de fuga. Paira no ar um silêncio sinistro, ninguém fala, sente-se, inexplicavelmente, o peso da história. Olho para cima, para a torre de vigilância e sinto na pele, que se arrepia, os horrores ali passados.

Logo à entrada do campo de concentração de Auschwitz I deparamo-nos com a frase ***“Arbeit Macht Frei”*** (O trabalho liberta). É uma imagem que já conhecemos dos filmes mas que vista de perto nos provoca calafrios pois vem-nos de imediato à memória todas as atrocidades ali cometidas, parece que mergulhamos na lista de Schindler de Spielberg.

Inicialmente este campo acolheu os prisioneiros políticos polacos e pessoas consideradas perigosas de todas as áreas da sociedade, religiosos, intelectuais.

Neste campo, homens mulheres e crianças, principalmente judeus e polacos, foram explorados, torturados e massacrados além de todos os limites humanos. Foi também neste campo que os alemães testaram o gás *Zyklon B* e que matou 850 prisioneiros polacos e russos.

Percorremos todo o campo passando pelo “memorial”, local onde viradas contra a parede as vítimas eram fuziladas, com um tiro na nuca. Um dos blocos era utilizado para os médicos nazis fazerem experiências com os prisioneiros, principalmente em mulheres. O bloco 11 era conhecido como o bloco da morte. Vimos ainda as celas dos prisioneiros, os quartos das vítimas, as casas de banho, as celas. Vimos também os inúmeros despojos em vitrinas, malas, calçado, artigos de higiene, as fotografias/fotocópias e a maquete do crematório. Durante o nosso percurso exterior cruzámo-nos com um grupo de jovens judeus embrulhados na bandeira de Israel. Não imagino os sentimentos destes “colegas” que andavam em silêncio, na visita ao campo!!

A primeira parte do passeio levou aproximadamente duas horas, principalmente dentro e fora dos vários edifícios.

A 3 km de distância em Birkenau, situa-se o campo de concentração **Auschwitz II**, construído em 1941. O objetivo principal deste campo era, sem dúvida, o extermínio.

Este é o campo mais conhecido e onde morreram mais prisioneiro, de todas as nacionalidades. Tinha quatro crematórios e câmaras de gás as quais podiam receber, cada uma, cerca de 2.500 pessoas de cada vez. Aterrador. Como dizia a guia, os homens são animais.

Estava um dia de sol mas muito, muito frio e o chão coberto de neve o que conferiu um clima ainda mais pesado a estes dois locais, já por si bem tristes. Por várias vezes tentei imaginar como seria a vida dos prisioneiros, inclusive em dias gelados e brancos como este. Não consegui, a minha imaginação não consegue voar tão longe.

As condições eram desumanas. Aliás, tudo era desumano, perverso, surreal e difícil de imaginar.

Devia ser uma preocupação de todos os países europeus manter a memória viva das atrocidades cometidas nestes locais e todos os jovens deviam ter oportunidade de ir a Auschwitz para que acontecimentos como estes nunca mais se repitam na história da humanidade.